

XXIX CONGRESSO ALAS
 CRISE E EMERGÊNCIAS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA
 SANTIAGO DO CHILE 2013
 29 DE SETEMBRO A 4 DE OUTUBRO

MIGRAÇÃO E (RE) CONFIGURAÇÃO SOCIAL DA TRANSFRONTEIRA BRASIL-VENEZUELA

Resultado de Investigação finalizada
 GT09: Estrutura Social, dinâmica demográfica e migrações.

Ponencista: Francilene dos Santos Rodrigues (Universidade Federal de Roraima-UFRR)

Resumo

A migração de brasileiros para a Venezuela e a República da Guiana é parte do processo de migração interna em Roraima, principalmente a partir dos anos 1970. Com o fracasso dos projetos de colonização e assentamento e o declínio da garimpagem em Roraima muitos emigraram para esses países para atuarem diretamente nas atividades de extração mineral ou de apoio a essa atividade como o comércio de gêneros alimentícios e estabelecimentos de compra e venda de ouro e diamantes. A mineração é uma atividade essencial e de atração dos migrantes brasileiros na Venezuela. Este trabalho apresenta os resultados de pesquisa sobre o processo migratório dos brasileiros e as configurações das redes sociais para o trabalho nos garimpos na Venezuela.

Palavras-Chave: migração; trabalho; condições de vida

MIGRAÇÃO E (RE)CONFIGURAÇÃO SOCIAL DA TRANSFRONTEIRA BRASIL-VENEZUELA

RESUMO

A migração de brasileiros para a Venezuela e a República da Guiana é parte do processo de migração interna em Roraima, principalmente a partir dos anos 1970. Com o fracasso dos projetos de colonização e assentamento e o declínio da garimpagem em Roraima muitos emigraram para esses países para atuarem diretamente nas atividades de extração mineral ou de apoio a essa atividade como o comércio de gêneros alimentícios e estabelecimentos de compra e venda de ouro e diamantes. A mineração é uma atividade essencial e de atração dos migrantes brasileiros na Venezuela. Este trabalho apresenta os resultados de pesquisa sobre o processo migratório dos brasileiros e as configurações das redes sociais para o trabalho nos garimpos na Venezuela.

Palavras-Chave: migração; trabalho; condições de vida

1. Introdução

Embora os dados do Ministério de Relações Exteriores demonstrem que o destino preferencial dos brasileiros seja o Japão, EUA e Europa, recentes pesquisas empíricas têm demonstrado que há um fluxo intenso de brasileiros transfronteiriços, ou seja, brasileiros que se deslocam continuamente para os países vizinhos. Sendo assim, este trabalho se propõe a apresentar os resultados de pesquisa, cujo objetivo é o processo migratório de brasileiros e as configurações das redes sociais para o trabalho nos garimpos na Venezuela. A pesquisa contou com o financiamento do CNPq-Conselho Nacional de Pesquisa, por meio do Edital CHS/2009-2011, foi

realizada na Venezuela, no Estado BOLÍVAR, em especial na cidade fronteira de Santa Elena do Uairén e nas regiões e localidades de garimpos Las Claritas e Km 88, situadas ao longo da estrada Pan-americana que recorta todo o sul da Venezuela e no garimpo de Icabarú, situado dentro da reserva de El Pauji localidade próxima à fronteira com o Brasil. O trabalho de campo foi realizado em vários momentos ao longo dos dois anos. Nas regiões dos garimpos a pesquisa ocorreu no período de 01 a 16 de abril de 2011 em que foram aplicados 80 questionários com perguntas fechadas e semi-abertas, 53 homens e 27 mulheres; 07 entrevistas com questões abertas e semi-estruturadas realizadas com algumas lideranças, comerciantes e referência política, um ourives e quatro mulheres, duas que trabalham no garimpo, uma em uma ONG e uma artesã.

O *locus* da pesquisa foi, portanto, o estado de Roraima, do lado brasileiro e o estado Bolívar, do lado venezuelano. São estados situadas em regiões de fronteira internacional, em regiões de grande diversidade natural e cultural, como a região Amazônia e a região da Guayana e configuram-se como fronteiras internas das duas nações, ou seja, são áreas de expansão da ordem econômica e social destas nações, que tanto precisam ser desenvolvidas como conservadas enquanto reservatório de recursos naturais. Estes estados constituem-se grandes espaços em relação aos seus respectivos territórios nacionais e possuem baixa densidade demográfica. Esse aspecto dos “espaços vazios” é enfatizando na elaboração das políticas e programas oficiais dos dois países. Outras similitudes entre os dois estados foram as políticas de ocupação baseadas no conceito de desenvolvimento vinculado à doutrina de Segurança Nacional e o fato de constituírem-se palcos de constantes conflitos pelo controle dos recursos naturais travados por diversos atores sociais (índios, garimpeiros, madeireiros, empresários, fazendeiros, militares). A diferença visível entre os dois estados é o grau de desenvolvimento econômico e industrial. Bolívar é um grande centro de indústrias de bases, é uma liderança mundial em produção metalúrgica e pólo industrial, enquanto Roraima sobrevive predominantemente dos recursos federais, do comércio e de um setor primário incipiente. Todavia, os dois estados funcionam como lugares de atração populacional regional, cujas taxas de migração intra-regional são altas. No Estado Bolívar, o fator de atração populacional se constituiu a partir do Programa Industrial de Guayana, em Ciudad Guayana. Ao sul desse estado se concentra a maior área aurífera da Venezuela, pólo atrativo populacional, inclusive de brasileiros, principalmente a partir dos anos 1980.

Gran Sabana e Pacaraima apresentam características distintas quanto à inserção regional e ocupação do território. Quanto à infra-estrutura de transporte e comunicação, ambos se diferenciam em quantidade e qualidade. Existe em torno de Santa Elena, capital da Gran Sabana, acampamentos e povoados genuinamente mineiros. A economia de Santa Elena gira em torno da atividade de garimpagem nas minas que estão ao seu redor e atua como centro de comercialização e abastecimento dos garimpeiros e de suas famílias que residem em Santa Elena. A maioria das famílias residentes possui uma vinculação com os garimpos e há grupos familiares que dependem exclusivamente desse ramo de atividade. Ao entorno de Santa Elena existem inúmeros acampamentos e povoados tipicamente mineiros como Ikabarú, el Polaco, la Hoyada, el Valle, Super Polaco, el Paují, la Faisca, el Pilón, el Infierno, Camaleão, Conhaque. Ao norte se localiza o km 88 e las Claritas, distantes de Santa Elena 261 km e 266 km, respectivamente, distritos auríferos conhecidos pela corrida do ouro, em 1985 e onde se concentra uma população significativa de brasileiros.

Em Santa Elena do Uairén há uma grande quantidade de casas de revenda de ouro e diamantes, muitas delas de brasileiros. Em 1993, havia 40 compradores de ouro e diamante entre Santa Elena e Ikabarú. Esse aspecto econômico contribui com outra característica que reflete uma interação garimpos/cidades: o comércio de gêneros alimentícios, serviços e mercadorias em geral, que totalizam 126 negócios dependentes da mineração, segundo dados de 1996 da Câmara de Comércio Local. Outro aspecto econômico da cidade é o comércio transfronteiriço dos habitantes de Pacaraima/Boa Vista e Santa Elena, além do turismo e dos empregos públicos.

Entre essas zonas de garimpagem encontra-se *El Paují* comunidade criada a partir da implantação do projeto Coordinación para el Desarrollo del Sur, conhecido também como Conquista del Sur. *El Paují*, inicialmente foi criado como assentamento da Gran Sabana destinado

aos colonos *criollos* provenientes dos centros urbanos *seducidos por la tierra de encanto* e que decidiram começar uma nova vida e se dedicam às atividades agrícolas, apicultura e turismo *new age* ou Turismo Verde. A terra de encanto e de encantamento é uma das representações sobre a Gran Sabana e um dos *slogans* das agências de turismo, bem como de grande parte da propaganda sobre essa região. Sobre a atividade de garimpagem na Venezuela, em 1857, Don Francisco Michelena e Rojas (1857. *apud* Venezuela, 1997) em sua obra *Exploración Oficial por la primera vez desde el Norte de la América del Sur* assinala as condições de exploração do ouro que:

“(…) se hacían por barrancos en forma rudimentaria, la actividad exploratoria reseñada era libre, por cuanto en aquella época se aplicaba a la Provincia de Venezuela la legislación española, específicamente las Ordenanzas de Minería de Nueva España que, si bien no contenían de manera específica disposiciones atinentes a la exploración, regulaban lo relativo a los nuevos descubrimientos”. (p. 297)

Inclusive o termo que deu nome a estas primeiras minas na região de Bolívar, *El Callao* é uma alusão à cautela e ao silêncio do garimpeiro que, no convívio social tende a manter em segredo os seus achados. Para além da literatura que aborda as representações dos garimpeiros, seja sobre o trabalho na mineração e as técnicas, seja sobre a natureza e a terra que habitam os grupos sociais com os quais interage. A literatura, segundo Martins (2007, p. 2) “construiu discursos legitimadores do garimpo, a partir de práticas culturais e elementos simbólicos que, uma vez reiterados pelos mineradores por séculos, consolidaram determinada forma de identidade garimpeira”.

Sendo assim, os brasileiros na Venezuela, em grande parte vivendo direta ou indiretamente da atividade de mineração, em constante busca do ouro, de melhorar de vida, muitas vezes deparam-se com condições paradoxais. Por um lado, a migração e atividade de garimpagem podem significar novas oportunidades de trabalho e de bamburrar (2). No caso das mulheres que desempenham a função de cozinheira ganham um salário quatro vezes maior que em alguns empregos públicos, isento de impostos e descontos possibilitando certa independência econômica. Por outro, as condições de trabalho são muito penosas, não há segurança ou qualquer benefício social ou previdenciário, ademais de representar outras perdas materiais e afetivas como as perdas dos laços sociais e familiares, principalmente no caso dos homens. Os trabalhadores e trabalhadoras das áreas de garimpagem enfrentam uma situação de vida e de trabalho extremos em que o cotidiano está exposto à intensidade da atividade produtiva, na qual homens e mulheres, sem família, trabalham ao extremo, quase sem opção de lazer, clientes de uma zona de prostituição e drogas. Eles recebem pagamentos relativamente maiores em relação as suas atividades anteriores, mas em contraposição se submetem a um sistema de exploração intenso (Santos, 2011). Às penosas condições de trabalho e o próprio processo migratório dos brasileiros imigrantes na Venezuela atuando em áreas de garimpagem ilegais, acrescenta-se o constante “temor” da Guarda Nacional e de extorsão por parte do crime organizado. No caso em que as perdas são maiores que os ganhos, poderia ocorrer a migração de retorno, numa volta ao lugar de origem, entretanto, muitos preferem permanecer na atividade de mineração para não voltarem como fracassados e aqueles que retornam, se deparam com a sensação de sentirem-se estrangeiros em seu próprio país (Hall, 2002).

2. Brasileiros na Venezuela

Dentro da América do Sul, embora a Venezuela não seja o destino prioritário para os emigrantes brasileiros, que preferem o Paraguai, Uruguai, Argentina, Guiana Francesa, Suriname e Bolívia não se pode ignorar o trânsito da população na transfronteira ao norte do Brasil e sul da Venezuela. Quando se trata de deslocamentos nas transfronteiras pode-se dizer que os países que fazem a fronteira ao norte do Brasil (Suriname, Guiana Francesa, Venezuela e República Cooperativa da Guiana) surgem como destinos prioritários, principalmente como continuidade dos fluxos migratórios na Amazônia ou mesmo como continuidade das “frentes de expansão garimpeiras” (Pinto, 1993). Na fronteira entre Brasil e Venezuela o grupo nacional mais relevante é o de brasileiros tendo em vista que a migração fronteiriça é uma das estratégias dos migrantes interestaduais, em parte, devido às condições de proximidade com este país.

Segundo dados oficiais, os imigrantes brasileiros na Venezuela são pouco significativos. Sarmiento (2000, p.30) aponta que, em 1990, do total da população residente na Venezuela 5,7% era de imigrantes e, destes, 70% eram oriundos da América Latina e Caribe, em especial da Colômbia representando 51,7% do total de estrangeiros, seguidos de peruanos, equatorianos, bolivianos, dominicanos, guianenses e haitianos. Nesta mesma década os brasileiros representavam apenas 0,63% dos latinos americanos e 0,41% do total de estrangeiros na Venezuela (Baeningen, 2002). Segundo dados do INE - Instituto Nacional de Estadística da Venezuela, em 1970-79 chegaram ao território venezuelano 700 brasileiros; em 1980-99 foram 1.742 brasileiros, o maior contingente desde 1939, representando um crescimento em torno de 148% em relação ao período anterior (INE, 2009). Ao final de 2000, o mesmo INE computou um total de 4.766 brasileiros vivendo na Venezuela. Dos números oficiais podemos deduzir que a imigração não oficial ou irregular segue a mesma tendência de crescimento. Em um levantamento realizado nos livros de controle de migração da DIEX – División de Extranjería Venezuelano, em 1992 e 1993, 68% dos que transitaram oficialmente pela fronteira era de brasileiros, 23% de outras nacionalidades e 9% de venezuelanos (Marcano, 1996, p.136).

Já o Ministério de Relaciones Exteriores, tendo como base as consultas feitas às Embaixadas e aos Consulados do Brasil sobre a presença brasileira em suas jurisdições, estimou que a população de brasileiros na Venezuela, em 2008, era de 11.228. Já em 2011, as estimativas eram de 26.000 brasileiros vivendo na Venezuela o que representa um crescimento de mais de 130% (BRASIL, 2011). Parte deste crescimento deve-se aos investimentos contratados entre o governo venezuelano e empresas brasileiras, como Ordebrech, Camargo Correa, entre outras para a construção de pontes, estradas, petroquímicas, siderúrgicas, usinas elétricas, aquedutos, agricultura, frigoríficos, estaleiros e até teleféricos. Estas empresas instalaram-se e deslocaram grande parte do seu quadro de funcionários e técnicos para a Venezuela, principalmente, Caracas e Ciudad Guayana. Ademais destas motivações, a garimpagem, ao Sul da Venezuela permanece como alternativa para os brasileiros, principalmente para aqueles que vem de uma trajetória migratória interna. Neste sentido, os fluxos migratórios internacionais, nesta fronteira norte do Brasil, representam, em parte, um *continuum* dos fluxos migratórios internos que vão se refletir na formação das redes sociais de brasileiros na Venezuela, em especial, nas regiões de garimpo.

Rodrigues (2009) associa à emigração de brasileiros para a Venezuela aos períodos de declínio da garimpagem na Amazônia e, em especial em Roraima. A autora define três períodos da mineração em Roraima associado a três grandes fluxos migratórios para a Venezuela. **O primeiro movimento migratório** para a Venezuela iniciou-se no final dos anos 1970, com o declínio da mineração na região do Tepequem e região nordeste do estado de Roraima. Este período perdurou até o início dos anos 1980 quando se iniciou o segundo período da mineração em Roraima (Rodrigues, 1996). Neste período a Venezuela experimentava certa estabilidade econômica e vivia a sua “era de ouro” proporcionada pela alta do preço do petróleo (Loss, 2007). O declínio da atividade de mineração nesse período decorreu, em parte, da mecanização dos garimpos, que provocou alterações nas relações de trabalho, ao mesmo tempo em que os custos com os instrumentos de trabalho requeriam maiores investimentos e alguma especialização da mão-de-obra (Gaspar, 1990). Desta forma, inúmeros garimpeiros e empresários migraram para a região sul da Venezuela, em busca de áreas para garimpar e com menos riscos financeiros. Os brasileiros que emigraram nesse período, estabeleceram-se, prioritariamente no estado Bolívar, na capital Ciudad Bolívar, Maturín e na cidade fronteiriça Santa Elena do Uairén, base de apoio das atividades de mineração. Esses brasileiros imigrantes atuavam, prioritariamente, no ramo do comércio vinculado à mineração como as casas de compra e venda de ouro e diamantes. Segundo dados da pesquisa de campo (2007-2008) o perfil desses imigrantes brasileiro era de uma população masculina, cujo lugar de nascimento era a região nordeste do Brasil, em especial oriundos do Ceará, Maranhão e Piauí, imigravam sozinhos e deixavam as famílias em Boa Vista ou nos estados de origem, ou mesmo constituíam novas famílias. Alguns poucos, depois de se estabelecerem em centros urbanos traziam suas esposas que, geralmente, compartilhavam a administração do negócio de compra e venda de ouro e diamante. Vale ressaltar, que esses pioneiros formaram uma pequena casta de

brasileiros que conseguiram regularizar-se (visto permanente), tiveram filhos na Venezuela e hoje estão totalmente integrados à economia e cultura local. Esses não pensam e tampouco pretendem voltar a viver no Brasil. Denomino esse grupo de “estabelecidos” (Elias, 2000).

O segundo movimento migratório teve início e perdurou por toda a década de 1990, tendo também como motivação o declínio da garimpagem em Roraima. Esse declínio foi acarretado, entre outros fatores, pela diminuição da produção, pela queda do preço do ouro e pelo aumento dos custos dos insumos básicos utilizados nesta atividade, tais como combustível, reposição de peças, máquinas, motores e gêneros alimentícios. Outro fator que contribuiu para o declínio da mineração e, conseqüentemente, para emigração para a Venezuela foi a demarcação das terras indígenas Yanomami, em 1991, que resultou na destruição de pistas de pouso, máquinas e equipamentos e a retirada da área de garimpeiros pela Polícia Federal (Rodrigues, 1996). O fracasso dos projetos de colonização e assentamento também é considerado fator de estímulo à migração transfronteiriça, ao mesmo tempo em que, na Venezuela ocorria a implementação de uma política de ocupação da região Sul (Programa Desarrollo del Sur) que, incluía entre outras ações, a instalação de projetos de infra-estrutura e indústrias básicas de siderurgia e energia. Esse segundo movimento populacional em direção à Venezuela se caracterizou por uma heterogeneidade, tanto no perfil do migrante, como na inserção na economia venezuelana. Um grupo se dirigiu às áreas de mineração (El Callao, Las Claritas, Km 88) para atuar diretamente nessa atividade, predominantemente homens, com baixa escolaridade, oriundo do nordeste e de outros estados da Amazônia. No entanto, algumas mulheres emigravam com seus companheiros ou sozinhas para atuarem diretamente na mineração como cozinheiras e lavadeiras. Exemplo é a história de Maria Neuza, brasileira, de Itaituba (PA), 47 anos chegou em Las Claritas (250km da fronteira) ao fim dos anos 1990, conseguiu construir uma casa e montar uma mercearia e um restaurante que emprega mais quatro brasileiros. Neste período, constituiu-se outro grupo de brasileiros formado por homens e mulheres, na faixa etária entre 20 e 30 anos e que se inseriram na economia de fronteira nos mais diversos ramos comerciais como trabalhadores ou autônomos, tais como restaurantes, lanchonetes, loja de confecção, venda de pneus e acessórios para carros, manicuras, depiladoras, dançarinas; e um terceiro grupo de brasileiros que se estabeleceu como pequenos empresários e comerciantes autônomos.

O terceiro movimento migratório de brasileiros para a Venezuela teve início em meados da década 2000. Este movimento migratório foi favorecido pela transformação da Vila de BV-8 em município de Pacaraima (1998) e a perspectiva de criação da Zona de Livre Comércio. Esse movimento migratório caracterizou-se, também, pelo aumento do número de mulheres que, em um primeiro momento migram sozinhas em busca de trabalho e de acomodação para a família. Em um primeiro momento deixam os filhos e retornam, nos feriados ou a cada dois meses para revê-los. Os vínculos dessas mulheres com os filhos, de certa forma, mantêm-se, mas outros membros da família, geralmente as avós ou tias, assumem uma educação compartilhada e muitas vezes conflituosas. Isso tem um impacto na configuração social familiar e na articulação dos inúmeros papéis e identidades que essas mulheres (re)constroem no processo da migração. O perfil dessas mulheres é de jovens, entre 18 e 40 anos; possuem pelo menos o ensino fundamental; estado civil da maioria é de solteiras, divorciadas ou separadas e com filhos. Outra característica desta dinâmica populacional atual é o retorno de alguns brasileiros, já estabelecidos na Venezuela e que atuavam na mineração. Alguns estão se estabelecendo em Santa Elena e assumindo atividades no setor de serviços, enquanto outros seguem para os garimpos na República Cooperativa da Guiana ou retornam para Boa Vista.

O impedimento legal às atividades de mineração na Venezuela tem reduzido os fluxos migratórios para as áreas de mineração. A pressão das entidades ambientalistas e indígenas para coibir a exploração mineral ao longo da bacia do Orenoco e do rio Caroni (Venezuela), áreas de exploração da garimpagem levou o governo venezuelano a estabelecer uma política de remanejamento dos garimpeiros nacionais para outras atividades e a expulsão dos estrangeiros, entre eles brasileiros. Vários conflitos ocorreram, inclusive resultando em morte. Somado a isso, a crise econômica e desabastecimento que tem assolada a Venezuela no último ano tem desviado o fluxo de brasileiros para a Guiana e para as áreas indígenas em Roraima.

3. Os buscadores da “frontera dorada”

A garimpagem em Roraima tem se configurado como um fenômeno social à medida que se constitui como uma atividade extrativa e de transformação da natureza, se desenvolve em lugares insalubres causando doenças à população envolvida, ao mesmo tempo em que propicia a ocupação, inicialmente de forma temporária, de um lugar, por grupos de migrantes que estão, em geral, à procura de melhoria de vida e que vêem nesta atividade uma alternativa. Neste sentido, ousa afirmar que a atividade de garimpagem e os deslocamentos populacionais de brasileiros para a Venezuela estiveram e, ainda estão diretamente relacionados, ao mesmo tempo em que se constituem um modo de vida. As lendas do El Dorado ou do lago Manoa permeia, ainda, o imaginário de grande parte da população de migrantes brasileiros.

Naipaul (1970) é quem descreve o processo pelo qual a lenda do El Dorado transforma-se em um modo de vida marcado pela procura constante do ouro, em que ocorre a amálgama entre ficção e realidade ocorre. O mito enquanto forma de explicações não teóricas do mundo não se distingue sistematicamente entre o real e o pensado. O que o mito narra é alguma coisa em que reflete o destino do homem no cosmo (Eliade, 1986). O mito exprime o homem na sua impotente, mas insaciável procura de realização que, no caso aqui tratado é a busca incessante de enriquecimento. Busca que se torna um modo de vida orientado por sonhos e expectativas de um dia bamburrar¹, de enriquecer rapidamente, de um dia encontrar o El Dorado (Rodrigues, 1996).

Para esses brasileiros na Venezuela, os buscadores da *frontera dorada* de hoje, os garimpeiros, assim como os aventureiros que compunham as *expedições doradistas*(3) dos séculos XVI e XVII, sempre estão prontos para iniciar a aventura de percorrer terras inóspitas em busca de riquezas, em busca do reino do El Dorado. Similarmente aqueles, grande parte dos brasileiros entrevistados para esta pesquisa responderam que o que motivou sua ida para a Venezuela foi “a busca de diamantes”; “para trabalhar na mina”; “o fechamento dos garimpos no Brasil”; “a aventura”; “para conhecer lugares diferentes”; “a curiosidade em conhecer outro país”. A idéia da aventura e do exótico permeia as justificativas destes brasileiros e os mantem firmes diante das dificuldades e das extremas e penosas condições de trabalho. Há uma significação social da atividade de garimpagem que envolve as realidades quotidianas, os valores, os sonhos das pessoas.

Massivamente, os brasileiros entrevistados responderam que migraram e estão nos garimpos por que queriam “uma oportunidade de emprego”; “de trabalho”; “por falta de trabalho”; “para melhorar de vida”; “para ajudar no sustento da família”; “para “comprar uma casa”: porque é uma “forma de ganhar dinheiro fácil”. O garimpo é o lugar para melhorar de vida, realizar o sonho de riqueza através da busca de mineral precioso, do “enriquecimento fácil”, da busca de autonomia para poder tornar-se patrão de si mesmo (Rodrigues, 1996, p.104).

Nesta pesquisa, garimpeiro ou “mineiro brasileiro” como são denominados na Venezuela, são todos aqueles que se reconhecem como tal e que, de certa forma, estão ou estiveram envolvidos na atividade de mineração, seja direta ou indiretamente e que associam essa atividade com seu modo ou estilo de vida. Portanto, o perfil dos brasileiros, interlocutores desta pesquisa são, predominantemente, homens (65%), originários da região da região Nordeste (54,4%), Norte (35,3%), Sudeste (2,9%), Sul (1,5%) e Centro Oeste (1,5%) e brasileiros naturalizados (4,4%). Dentre aqueles nascidos na região nordeste os maranhenses representam 73% confirmando o perfil do migrante no estado de Roraima. A região Norte apresentou um quadro mais equilibrado uma vez que, 1/3 é de origem do Pará, outro 1/3 do Amazonas, 12,5% é de Tocantins e 12,5% é de Roraima. Os demais são de Rondônia e Acre. Muitos desses brasileiros estão na Venezuela há menos de 10 anos e representam 51,3% dos entrevistados sendo que, destes, os que vivem há menos de 5 anos na Venezuela representam 32,5%. Apesar das restrições à atividade mineral artesanal e a forte fiscalização a atividade de garimpagem a Venezuela continuava, no período da pesquisa, como

lugar atrativo para os brasileiros. Os demais brasileiros entrevistados estão na Venezuela entre 11 e 20 anos (21,2%) e entre 21 e 30 anos (12,5%).

Dos brasileiros entrevistados, apenas 8 não responderam à questão sobre sua cor/etnia. Dos que responderam à questão 32% se consideram pardos; 22% preto (negro) e branco igualmente; 5,5% indígena; 2,2% amarelo e 15,3% responderam outros. Estas respostas indicam uma semelhança com os dados nacionais que, conforme os resultados preliminares do Censo 2010, a soma entre pretos, pardos, amarelos e indígenas (99,7 milhões) supera a população branca no Brasil que são 91 milhões. (Disponível em <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/listas/curiosidades-do-censo-sobre-raca-no-brasil.jhtm>).

A escolaridade dos brasileiros que vivem e trabalham na Venezuela tem demonstrando algumas mudanças. Se, no primeiro momento da migração os brasileiros tinham pouca ou nenhuma escolaridade, na atualidade, a maior parte freqüentou pelo menos o primeiro grau. Destes, 32,6% concluíram o ensino fundamental (16,3% concluiu o ensino de 1ª a 4ª série, 16,3% concluíram o ensino de 5ª a 8ª série) e 23,7% concluíram o ensino médio considerando ainda, que 5% tem ensino superior completo e 6,2% não concluíram o ensino superior. Este foi um dado novo. Encontramos estudantes de direito, administração que disseram ter abandonado a faculdade por não terem condição de pagá-la. Esse é um dado que necessita ser verificado, uma vez que há no estado de Roraima três instituições públicas de ensino superior o que possibilitaria o acesso aos estudantes de baixo poder aquisitivo, ademais dos programas governamentais de acesso ao ensino universitário como o PROUNI.

Quanto à religiosidade ou prática de quaisquer religiões, grande parte dos brasileiros entrevistados respondeu que era católico, ou seja, 53,8%. Outros responderam apenas que acreditavam em Deus, que eram cristãos ou evangélicos (18,7%). Muitos falaram da impossibilidade em praticar ou participar dos ritos religiosos que se deve, em grande parte, à dificuldade de acesso aos templos. Boa parte dos entrevistados, no entanto, disseram: “não tenho religião”; “sou mundano”; “não pratica”; “só pratico no Brasil”; “não vejo muito fundamento”; “no garimpo não tem como praticar”; “quando pode”; “quando vai a cidade”; “a dificuldade da língua”.

Quanto ao estado civil ou conjugal dos entrevistados 51% é casado ou mantém relação estável, enquanto 38% é solteiro e 11% separado, divorciado ou viúvo. Dos entrevistados 82,5% tem filhos e destes, 17% são nascidos na Venezuela. Esses dados demonstram certa mudança no perfil de nupcialidade em que os homens solteiros, separados ou descasados predominavam nestas atividades. Outro elemento no perfil dos brasileiros na Venezuela é a formação de família transnacional, uma vez que os casamentos entre pessoas de outra nacionalidade ocorrem em 37% daqueles que disseram estar casados ou em união estável. Outro dado relevante é o fato de 15% dos interlocutores desta declarou que um dos motivos da migração foi a “separação” ou “problemas familiares”.

Nestes casos, a migração emerge como alternativa de solução para o conflito familiar. Cruzar fronteiras e transitar entre culturas distintas força esses sujeitos a manejar e negociar situações de conflito de forma criativa e melhorar seus *status* no interior das relações familiares. O deslocamento entre um país e outro, representa uma possibilidade de sobrevivência, mas também uma escolha ou um projeto individual que, nem sempre é um sucesso. Alguns interlocutores da pesquisa afirmaram não ter contato algum com a família há bastante tempo (entre 15 e 30 anos). No entanto, a maioria mantém contato com a família, seja via telefone, seja visitando-a em tempos e tempos. As visitas freqüentes às famílias ocorrem quando as mesmas estão mais próximas do lugar de trabalho (Las Claritas, Km 88, El Pauji, Santa Elena do Uairén). Esse contato, de certa forma, é favorecido pelo baixo custo das ligações telefônicas na Venezuela e do acesso via terrestre. Vale ressaltar, que ao responderem sobre os contatos com familiares os mesmos relacionavam o entendimento de família extensa ou ampliada que, envolve não apenas os filhos(as), esposas/maridos, mas, também pais, mães, irmãos, agregados e outros parentes.

A relação ou mesmo certo vínculo mesmo que imaginário funciona como um conforto, de um dia, se necessário, “voltar para casa”. Essa situação de “voltar para casa” também é ambígua, uma vez que alguns perderam contato totalmente com a família de origem. Os fortes vínculos de

pertencimento aos seus lugares de origem e suas tradições são ressignificados, contudo, sem a ilusão de um retorno, de uma volta ao passado a não ser que o projeto migratório, ou o sonho de bamburrar se realizasse. Ao mesmo tempo em que esperam um dia retornar esses brasileiros acreditam que “aqui” (na Venezuela) também é o seu lugar.

O brasileiro que vai para o garimpo tende a chamar amigos e parentes, a contratar somente brasileiros, a comprar e vender o ouro para brasileiros. Constituem redes sociais que reforçam os laços sociais que ligam as comunidades no lugar de origem aos pontos específicos de destino nas sociedades receptoras. A maior parte dos entrevistados chegou ao garimpo por meio de um amigo, um parente, um conhecido, um familiar. As redes sociais mais utilizadas por esses brasileiros ainda são as baseadas em parentesco, amizades e origem comum. Essas redes apresentam-se para esses brasileiros um mecanismo imprescindível no seu projeto migratório, uma vez que o mercado de trabalho está cada vez mais competitivo e as relações afetivas e sociais mais individualistas. As redes sociais servem de apoio para os migrantes que chegam às regiões de garimpo. A recomendação de outro brasileiro é garantia de conseguir um lugar na equipe de exploração mineral. A relação de solidariedade que auxilia nos primeiros momentos da vida nos garimpos na Venezuela minimiza os primeiros impactos da distância e da saudade dos seus parentes e amigos. Assim que se estabelecem criam e manejam sua própria rede social e de parentesco. Quaisquer que sejam as motivações para migrar ou retornar, o sentimento que move esses brasileiros na Venezuela é a perspectiva de um dia bamburrar, de melhorar as condições de vida, de realizar sonhos de consumo.

Considerações finais

A globalização e a conseqüente criação de blocos regionais têm operado na dinamização dos deslocamentos populacionais, que se balizam, sobretudo, pela centralidade do trabalho como motivação principal. A despeito do crescimento da demanda de mão-de-obra qualificada nos países de economia avançada, o mercado de trabalho secundário e informal ainda é o que predomina entre os migrantes internacionais, tanto nos países do Norte, quanto no próprio continente latino americano. Na Venezuela, o principal atrativo dos imigrantes brasileiros é a mineração artesanal ou garimpagem. Neste sentido, tanto a busca do El Dorado pelos conquistadores, nos séculos XV e XVIII, ou as corridas do ouro no século XX nas Amazônias brasileiras e venezuelanas tem se constituído, historicamente, uma atividade associada aos deslocamentos populacionais na região. Desta forma, pode-se afirmar que a mineração está no cerne do processo de mobilidade na fronteira brasileira e venezuelana. Os brasileiros que buscam o El Dorado ou oportunidades na Venezuela e que atuam na mineração configuram-se, em grande parte, como exilados ou fugitivos do desemprego ou da pobreza. Ao buscarem a sobrevivência em outro país, esses brasileiros se deparam com o surgimento de conflitos familiares, fragilidade nos laços familiares (autoridade materna e ou paterna) e condições de trabalho muito penosas e extenuantes.

Notas

1- Esta pesquisa contou com o financiamento do CNPq/ Edital CHS/2009-2011. A viabilização da participação no **XXIX CONGRESSO ALAS**, em Santiago do Chile, contou com o apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Federal de Roraima, por meio do Edital Pró-Pesquisa/2013.

2-Bamburrar designa a sorte do garimpeiro que encontrou grande quantidade de minério.

3. Pablo Ojer (1966) considera *douradistas* todas as expedições que, desde 1533, objetivaram encontrar o El Dorado. As principais foram as de Hernán Pérez de Quesada, em 1536; Gonzalo Pizarro, em 1540; Felipe de Utre, em 1540; Pedro de Ursua, em 1559 e 1560; Malaver de Silva, em 1568; Martin Proveda, em 1566; Antonio de Berrio, em 1584-1986;1590-1995; e Walter Raleigh, em 1595.

Referência Bibliográfica

- Baeninger, R. (2002). *La migración internacional de los brasileños: características y tendencias*. Centro Latinoamericano y Caribeño de Demografía (CELADE). División de Población y desarrollo. Santiago de Chile, mayo de 2002.
- Brasil.(2011). Ministério das Relações Exteriores. Subsecretaria Geral das Comunidades Brasileiras no Exterior – SGEB. Departamento Consular e de Brasileiros no Exterior – DCB. Divisão das Comunidades Brasileiras no Exterior – DBR. *Brasileiros no Mundo: Estimativas*. Terceira Edição, Junho de 2011. Disponível em <http://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/BRMundo/ptbr/file/Brasileiros%20no%20Mundo%2011%20-%20Estimativas%20%20Terceira%20Edi%C3%A7%C3%A3o%20-%20v2.pdf>
- Eliade, M. (1986). *Aspectos do Mito*. Lisboa: Edições 70.
- Elias, N. (2000). *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Gaspar, E. S. (1990). *Os Bamburrados do Tapajós*. Campina Grande, 1990. Dissertação (Mestrado)-UFPB.
- Hall, S. (2002). *Da Diáspora*. Identidades e Mediações culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- INE. (2009). INSTITUTO NACIONAL DE ESTADISTICA DE VENEZUELA. *Censo Demográfico (1920-1991)*. Disponível em <http://www.ine.gov.ve/> Acesso. 06.06.09.
- LOSS, Mônica Vier (2007). *Os condicionantes econômicos e políticos no relacionamento Brasil-Venezuela de 1990-1998*. PPGR/IFCH/UFRGS: Porto Alegre-RS.
- Marcano, E.E. (1996). *La construcción de Espacios sociales transfronterizos entre Santa Elena de Uairén (Venezuela) e Villa Pacaraima*. Brasília, UNB/FLACSO, 1996 (tese de doutorado).
- Martins, M.L. (2007). Mineração, identidade garimpeira e meio ambiente: os conflitos em torno da extração de diamantes no Alto Jequitinhonha, 1989 – 1995. *Anais*. Associação Nacional de História. XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, São Leopoldo-RS: UNISINOS, 15 a 20 de julho de 2007. Disponível em: <http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Marcos%20Lobato%20Martins.pdf> Acesso: 25.08.11
- Naipaul, V. S. (1970). *La Pérdida de El Dorado*. Caracas, Venezuela: Monte Ávila.
- Número de pretos, pardos, amarelos e indígenas ultrapassa o de brancos. (2010). UOL Notícias. (Disponível em <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/listas/curiosidades-do-censo-sobre-raca-no-brasil.jhtm>). Acesso em 14.05.11 às 15:30 h.
- Pinto, J.A. (1993). Garimpagem: contribuição ao desbravamento e à ocupação da Amazônia. In: MATHIS, Armin & REHAAG, Regine (orgs). *Conseqüências da Garimpagem no Âmbito Social e Ambiental na Amazônia*. Belém-PA: FASE/KATALYSE, 1993. p.27-35.
- Rodrigues, F. S. (1996). *Garimpando a sociedade roraimense: uma análise da conjuntura sóciopolítica*. [Dissertação]. NAEA/UFGA. Belém-Pará.
- _____ (2009). Migração para o trabalho: uma análise da migração laboral em Boa Vista e Pacaraima (Roraima-Brasil) e Santa Elena do Uairen (Estado Bolívar-Venezuela). XIV ENCONTRO DE CIENCIAS SOCIAIS NORTE E NORDESTE - GT 23 - Migrações Internacionais. *ANAIS*. Recife-PE, Setembro, 2009.
- Santos, A. G. (2011). *As condições de vida e trabalho dos trabalhadores e trabalhadoras dos garimpos na Amazônia Setentrional - Roraima*. Digitado.
- Sarmiento, G. S. (2000). *Diagnóstico sobre las migraciones caribeñas hacia Venezuela*. PLACMI/OIM. Buenos Aires.
- Venezuela. (1997). Ministério del Poder Popular para la Energía y Petróleo. Petróleo de Venezuela-PDVSA. Museo Geológico Virtual de Venezuela. *Código Geológico de Venezuela. Marco Legal de la Industria Minera en Venezuela Consideraciones Históricas previas*. Caracas, PDVSA - Intevep,

1997. Disponível em Disponível em <http://www.pdvsa.com/lexico/museo/minerales/legislacion.htm>
Acesso 25.08.11. 1997